

CATÁLOGO  
DO I SALÃO DOS  
INDEPENDENTES



ILUSTRADO

COM DESENHOS E COMENTARIOS  
DOS ARTISTAS E DOS ESCRITORES  
MODERNISTAS  
& UMA BREVE RESENHA DO MOVI  
MENTO MODERNO EM PORTUGAL

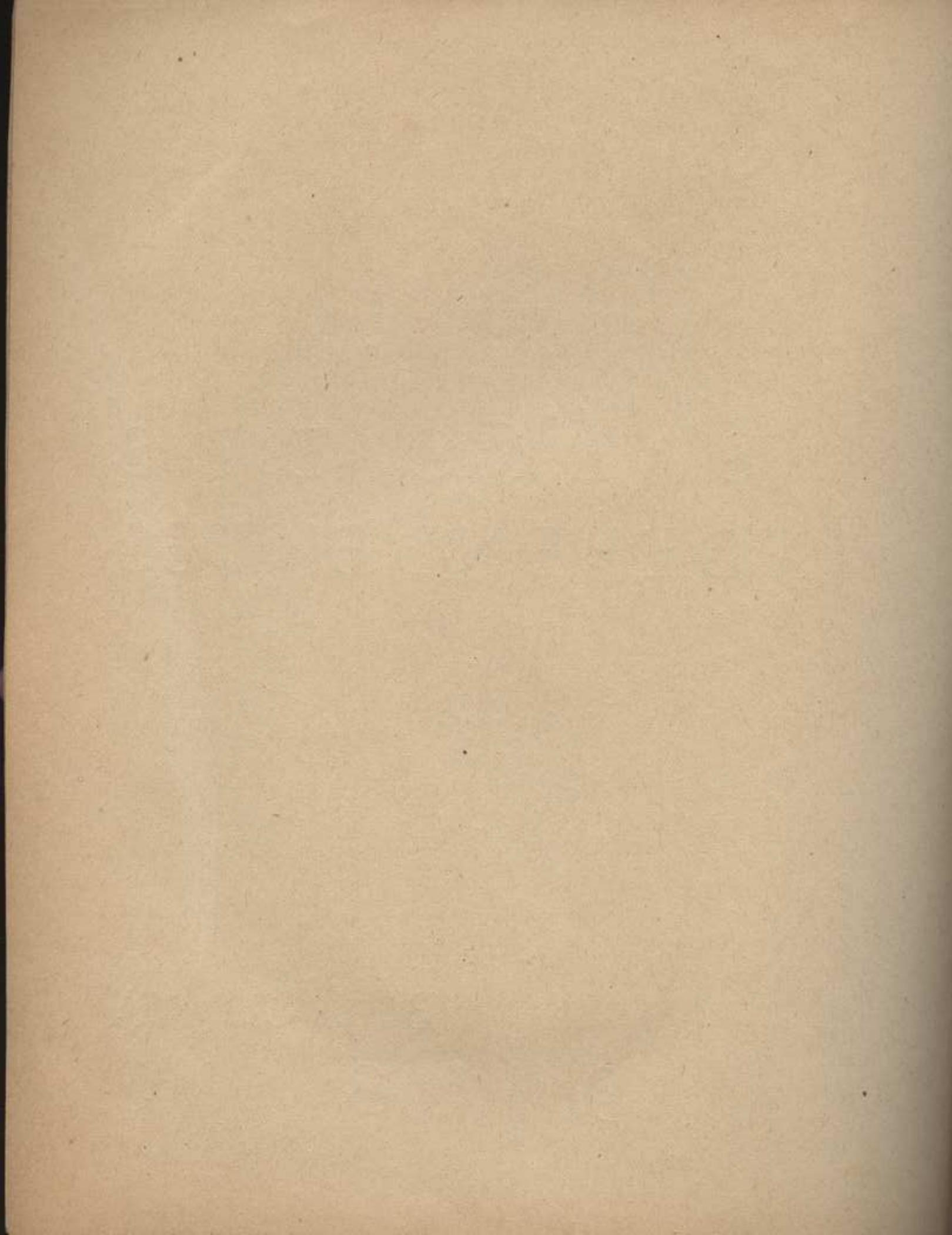
M A I O - 1 9 3 0

L I S B O A



I S A L Ñ O D O S  
I N D E P E N D E N T E S

L I S B O Ñ  
1 9 3 0



**Q**UANDO um Artista, desenhando, pintando ou esculpindo, sente que já impressionou os elementos predominantes do modelo,— tanto os reais como os virtuais, de qualquer natureza que o modelo seja —, e que mais nada, pois, lhe deve acrescentar, conclui a sua obra. Se o fez oportunamente, se nela devia ter deixado esta ou aquela porção de espaço por contornar, avolumar ou colorir, (um casaco, um nariz, o tronco duma árvore), nós vêmo-la e sentimos que tudo está como devia e lhe não falta coisa alguma. Mas se o não fez oportunamente, nós vêmo-la e sentimos que lhe faz muita falta aquele pedaço de casaco por encher, ou o nariz por definir, ou o fundo por relevar... e ficamos zangados.

Só quem nunca pegou num lápis para fazer um desenho, com modelo ou sem êle, ignora a dificuldade da escolha do momento em que o desenho deverá ser oportunamente terminado. É essa dificuldade uma das fontes mais férteis da saborosa e ao mesmo tempo amarga inquietação dos verdadeiros Artistas, que anseiam por encontrar aquilo com que Plotin definiu a Filosofia (destruindo, como diz Chestov, as barreiras com que os outros filósofos pretenderam depois separá-la das esferas vizinhas da Religião e da Arte): *ce qui importe le plus.*

Mas esta criadora e tantas vezes genial inquietação não se encontra nos Artistas de todas as épocas nem de todas as escolas. Encontra-se nos primitivos, em muitos dos clássicos e, depois de Rodin e Claude Monet, na maioria dos modernistas. E nestes, porque foi a resultante directa da heróica reacção contra os enraizados processsos académicos, de que era odiosa e prevalecente mania o «tal e qual fotográfico», — êsse «tal e qual» que levou Whistler a dizer que «os Artistas não devem copiar a natureza, mas criá-la.»

É o nítido reflexo dêsse Esfôrço universal que antes de mais nada se deve respeitar nos trabalhos expostos no I SALÃO DOS INDEPENDENTES. E em seguida esquecer, duma vez para sempre, a ridícula diferença *quantitativa* entre Novos e Velhos. Porque, como diz o Poeta Léon Paul Fargue, «não há idades: a juventude é a vitalidade, a saúde, o talento.»

Onde encontrarmos, pois, estas três palavras reünidas, não só nos deveremos curvar pelo respeito, mas pela admiração.

C A R L O S      Q U E I R Ó S

**D**

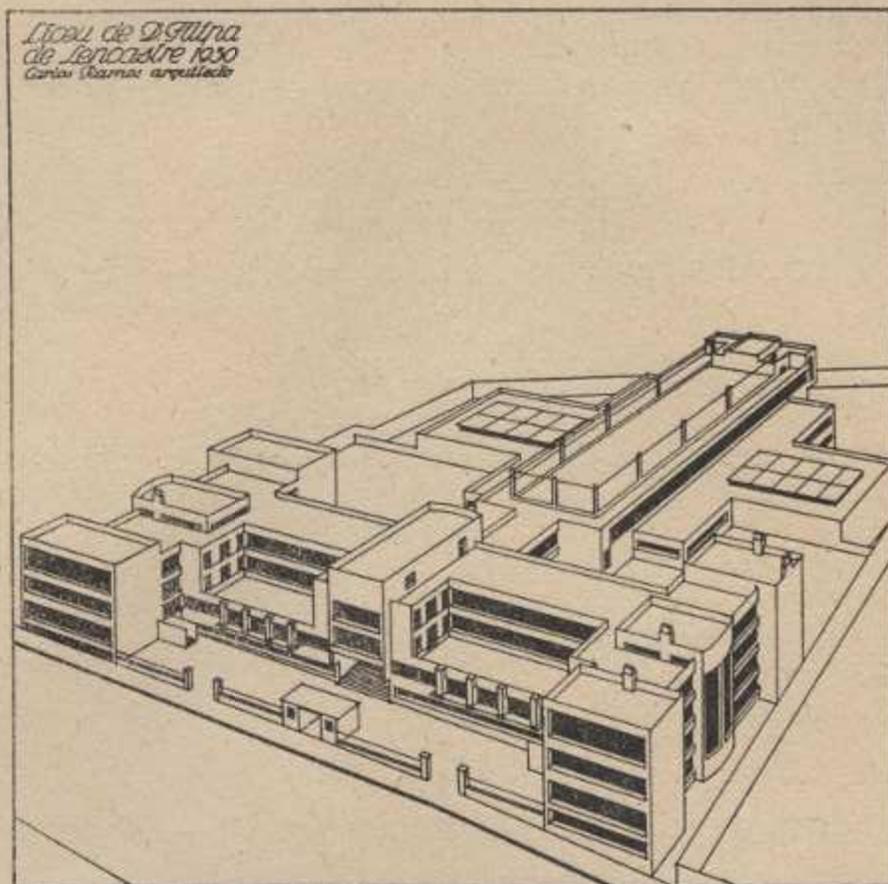
DUAS épocas tem o Desenho: a primeira, época da atenção respeitando o instinto, a outra, a da correcção do instinto procurando a harmonia. Passa de sinceridade primária ou romântica à impassibilidade construtiva ou clássica, naquele mesmo sentido em que Ingres definiu a obra clássica: a que não faz rir nem horar.

• • •

Uma época não é apenas uma questão de tempo, mas essencialmente um sentido do novo no eterno. Tão pouco a novidade é uma impressão recebida do exterior — mas é o próprio fundo da alma que faz sua aparição do sol.

Isto de ser moderno é como ser elegante: não é uma maneira de vestir, mas sim uma maneira de ser.

2 A L M A D A      N E G R E I R O S



**arquitectura  
e  
decoreção**

crisino da silva (luís)  
rua 1.º de dezembro, 2-b, 1.º — lisboa

- 1 — ateliê antónio da costa (fotografias).  
2 — estudo para um prolongamento da avenida da liberdade (perspectiva aérea).

montez (paulino)  
rua santo antónio da glória, 4, 1.º — lisboa

- 3 — urbanização das caldas da rainha (perspectiva do plano de extensão e regularização da cidade).

- 4 — urbanização de mafra (perspectiva do plano de regularização do largo em que se ergue o monumento)  
 5 — urbanização de torres vedras (perspectiva de um plano de extensão da vila).

### nunes (adelino)

rua dos remédios, à lapa, 22-a, 1.º — lisboa

- 6 —  
 7 —  
 8 —  
 9 — } projecto e perspectiva de uma casa para o ex.<sup>mo</sup> sr. antónio de macedo —  
 10 — } coimbra.  
 11 —  
 12 —  
 13 — casa de campo — costa de caparica.  
 14 — bairro económico — lisboa.  
 15 — mobiliário — (friso)

### pascoal (able)

rua nova de santo antónio, 37, 1.º — lisboa

- 16 — ante-projecto de um porto náutico para a associação naval de lisboa.

### ramos (carlos)

rua dos remédios, à lapa, 22-a, 1.º — lisboa

- 17 — liceu de dona filipa de lencastre — lisboa  
 18 — casa do ex.<sup>mo</sup> sr. antónio moreira d'almeida — porto  
 19 — bairro municipal em olhão  
 20 — grande hotel «espinho praia» — espinho  
 21 — praia de molêdo do minho — *maquette* e desenho.  
 22 — claustro para uma grande tapada (rio de janeiro) —  
 23 — casa do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. josé maria posser d'andrade (herdade de palma) —  
 24 — casa para o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. costa sacadura (abrunhosa da serra).

### regaleira (vasco)

travessa da fábrica das sedas, 23, lisboa

- 4 25 — uma central electrica.  
 26 — » » »

reis (velozo)

travessa andré valente, 28, 3.º — lisboa

- 27 — uma casa moderna — *maquette*.  
28 — casa do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. gonçalves pereira — perspectiva.  
29 — » » » » manuel gameiro.  
30 — um grande hotel moderno.

segurado (jorge)

rua da arrábida, 17 — lisboa

- 31 — ante-projecto do cine sant'iago.  
32 — » » » cinema condes.  
33 — » » de uma habitação para o ex.<sup>mo</sup> sr. cunha Barros.

telmo (cottinelli)

rua saraiva de carvalho, 88, 1.º — lisboa

- 34 ideias architectónicas.

tojal (raúl)

vila berta, 28, à graça — lisboa

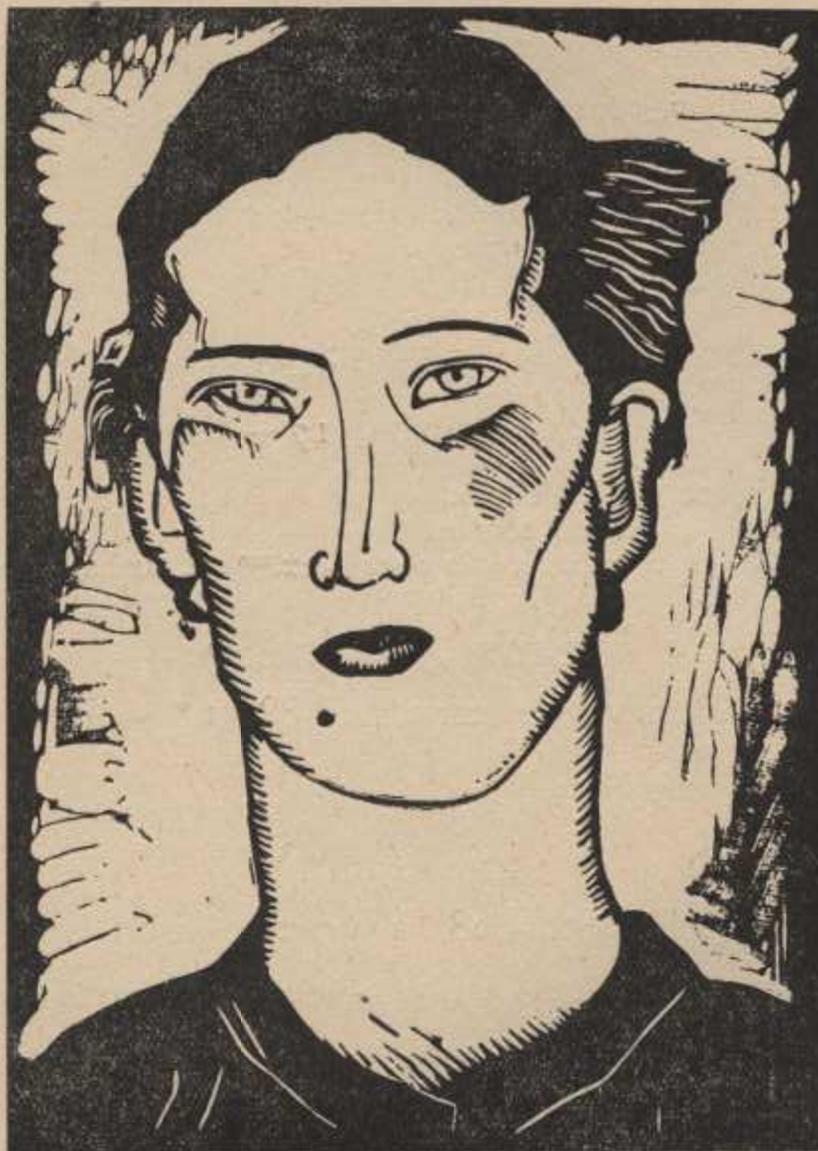
- 35 — uma piscina em construção para o sport algés e dafundo — *maquette*.



UM quadro moderno é mais do que uma manifestação visual, mais do que o *pestanejar* duma objectiva — uma análise interior, a assinatura duma alma que sabe coisas, que sabe vêr para lá da fórma e possui o sexto sentido de transmitir com verdade a verdade que a maioria julga ser mentira.

O pintor modernista tem assim, para a classificação das plateias e para a apreciação do público, um pouco de bruxo e muito de prestidigitadôr, qualidades estranhas que a multidão tenta definir com esta legenda que vai creando um mentiroso significado popular: *futurismo*.

F  
R  
A  
N  
C  
I  
S  
C  
O



F  
R  
A  
N  
C  
O  
■  
■  
■

Francisco Franco

## escultura

almeida (leopoldo de)

calçada de santo andré, 40, 2.º — lisboa

- 6 36—busto do arquitecto cristino da silva.  
37—o arquitecto carlos ramos — estatueta.

azevedo (antónio de)

rua 14 de outubro, 403 — gaia

38 — busto do escritor visconde de vila-moura — bronze.

49 — fauno — estatueta decorativa

canto (ernesto do) — canto da maya

boulogne s/seine — França

40 — bemdito o fruto do teu ventre

41 — primavera

42 — família

} — fotografia.

costa (antónio da)

travessa escola araujo, a c — lisboa

43 — busto de minha mulher.

44 — » do antoninho.

45 — escultura — baixo-relêvo.

46 — desenho — » » .

47 — nascimento de venus — relêvo.

48 — nossa senhora do rosário.

duarte (antónio)

lisboa

49 — busto do poeta teixeira de pascoais.

50 — » » » antónio de navarro.

feyo (barata)

rua de artilharia 1, 66 — lisboa

51 — busto da pintora sarah affonso.

52 — » do pintor josé tagarro.

53 — » » arquitecto able pascoal.

franco (francisco)

rua do dr. vieira, 266 — funchal

54 — busto (exp. no *salon d'automne* — paris).

55 — » em bronze.

56 — baixo-relêvo para o monumento a gonzalo zarco.

## macedo (diogo de)

av. antónio augusto de aguiar, 110 — lisboa

- 57 — escultura.
- 58 — tórso.
- 59 — busto antigo — pedra.
- 60 — » de senhora.
- 61 — » em bronze.
- 62 — » » »
- 63 — » » »
- 64 — » decorativo.
- 65 — » mongólico.

## manta (abel)

66 — busto de criança.

## roque gameiro (ruy)

rua do arco carvalhão — lisboa

- 67 — busto da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> dona alda maria.
- 68 — » do architecto velozo reis.



**Q**UE mais importa na Vida, que mais importa no Mundo ?

A Belesa é a trajectória viva do Mundo, e a Arte o seu resumo. Fixar o fugitivo sonho, deve ser para o Artista sua única, vertigem, sua fatal religião.

Qual o prémio distinto do sonho que nos mata ? Tudo aquilo a que se consegue dar futuro. Mas tudo o que pertence ao Mundo de amanhã deve exhibir a nossa força sem ocultar as tormentas. Deve ser o fruto singular da hora em que vivemos, o hálo contínuo de uma vida que nos envolve e nos pertence. Vidas alheias, se teimamos vivê-las, múmias seguramente possuímos, defunta miragem de existência. Na constelação dos Maiores, cada um foi no seu tempo, do seu tempo, possuídos de fé, de instinto e de razão. Convencionam-se grandezas, mas para sempre no mesmo azul despontam, únicos, os verdadeiros sóis, surpreendentes !

**8** G I L V A Z

J  
O  
R  
G  
E



B  
A  
R  
R  
A  
D  
A  
S

PARA O  
DIEGO DE MACEDO  
EM ADMIRACAO  
AFFONSO  
SARAH  
1930.

**pintura**

affonso (sarah)

rua do conde das antas, 26, 1.º — lisboa

- 69 — meninas (exp. no *Salon d'Automne* — paris).
- 70 — flores.
- 71 — pintura.
- 72 — retrato de manóel mendes.
- 73 — auto-retrato.

## altberg (emanuel)

av. visconde de valmor, 64, 2.º — lisboa

- 74 — retrato de minha mulher.
- 75 — taberna.
- 76 — juventude rústica.
- 77 — coração de oiro.
- 78 — alma judia.
- 79 — saudade.
- 80 — natureza morta — 1928.
- 81 — auto-retrato — 1928.

## antónio (lino)

estrada de benfica, 284 — lisboa

- 82 — descarga de carvão.
- 83 — pátio dos burros — leiria.
- 84 — «peixinheiras» — nazareth.
- 85 — cantarinhas.
- 86 — paisagem — nazareth.
- 87 — da outra banda.

## barradas (jorge)

rua barata salgueiro, 29, 3.º — lisboa

- 88 lavadeira (col. do sr. torcato pardal monteiro).
- 89 — natureza morta.
- 90 — » »
- 91 — flores.
- 92 — pimentos e melões.
- 93 — retrato de um velho.
- 94 — cabeça de mulher.
- 95 — » » »
- 96 — » » » — col. dr. celestino soares.
- 97 — jardim.

## botelho (carlos)

rua braancamp, 10, 6.º — lisboa

- 98 — auto-retrato.
- 99 — natureza morta.
- 100 — retrato de b.

carlos (joão)

travessa dos remolares, 28 — lisboa

101 — auto-retrato.

carneiro de moura (maria clementina)

rua de s. bernardo, à estrela, 116, 3.º — lisboa

102 — meu filho e eu.

103 — casas — lisboa.

104 — flores.

105 — estudo de criança.

costa (waldemar da)

75, boul. du montparnasse — paris

106 — arenques.

107 — natureza morta.

108 — ostras (exp. no *salon des independants* — paris.)

109 — feira na porte de versailles (exp. no *salon des independants* — paris).

eça leal (olavo d')

av. miguel bombarda, 58, 2.º — lisboa

110 — retrato.

111 — ... e ficaram ali...

112 — praia-mar.

113 — a preta à entrada da floresta.

114 — a ilha do sumiço.

115 — lembrança.

eloy (mário)

av. da república, 66, 2.º — lisboa

116 — retrato do bailarino francis.

117 — retrato do poeta antónio pedro.

118 — donzela.

119 — o combóio.

figueiredo (jaime de)

praia — cabo verde — áfrica ocidental

120 — menina.

121 — mulher.

gomes (dórdio)

arraios

122 — auto-retrato — paris, 1924..

123 — éguas de manada.

124 — estudo para uma composição.

125 — várzea de colares (col. da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> dona casimira tôrres de lima)

jourdain (albert)

estoril

126 — infantilidade.

127 — chinesice.

128 — paisagem.

129 — esbôço.

130 — »

júlio (reis pereira)

vila do conde

131 — sinfonia da tarde.

132 — a dádiva da noite.

133 — comediantes.

134 — a música sobre a vila.

135 — o passeio á tarde.

kradolfer (fred)

praça dos restauradores, 3, 3.<sup>o</sup> — lisboa

136 — pendão.

137 — dia sem sol.

138 — primavera.

139 — pintura.

manta (abel)

rua de s. bernardo, 116, 3.º (à estrêla) — lisboa

- 140 — o violinista rené bohet.
- 141 — retrato do poeta mário saa.
- 142 — partida de xadrez.
- 143 — fumador de cachimbo.
- 144 — natureza morta.

soto-mayor

calçada da estrêla, 30 — lisboa

- 145 — retrato de mademoiselle m. j. p. b.
- 146 — vestido encarnado.

tagarro (josé)

av. casal ribeiro, 16 — lisboa

- 147 — retrato do escultor ruy gameiro.
- 148 — pintura.

varela (antónio)

leiria

- 149 —
  - 150 —
  - 151 —
- } pintura.

vieira da silva szenes (maria helena)

8 bis, villa des Camélias — paris

- 152 — auto-retrato.
- 153 — paisagem.
- 154 — pintura.



A inquisição das artes foi a Academia, e as suas fogueiras — que ainda algumas ardem — são os sistemas. Há que substituir os autos-de-fé por actos de fé.

A

B

E

L



M

A

N

T

A

desenho  
aguarela  
e  
gravura

affonso (sarah)

almada negreiros (josé de)

churruca, 18 — madrid

- 156 —  
157 —  
158 —  
159 —  
160 — } desenho.  
161 —  
162 —  
163 —  
164 —  
165 — desenho. — (col. antónio ferro).  
166 — » » » »

antónio (lino)

benfica — lisboa

- 167 —  
168 —  
169 —  
170 — } desenho.  
171 —  
172 —  
173 —  
174 —

barradas (jorge)

- 175 — desenho (col. j. asegurado).  
176 — » ( » d. m.).  
177 — o cangirão — aguarela.  
178 — estudo — »  
179 — cabeça de mulher — *gouache*.  
180 — » » » — » (col. dórdio gomes).

carlos (joão)

travessa dos remolares, 28 — lisboa

- 181 — retrato (têmpera)  
182 — »  
183 — xilografia.  
184 — »

barros (cunha)

campo de santa clara, 114-c, 2.º — lisboa

- 185 — retrato de homem cristo filho.
- 186 — » » antónio ferro.
- 187 — aveiro (col. dr. alexandre de albuquerque.
- 188 — paisagem decorativa (col. j. segurado).
- 189 — » sem titulo — *gouache*.
- 190 — lisboa.

botelho (carlos)

- 191 — montmartre — paris.
- 192 — menestreis — londres.

carneiro de moura (maria clementina)

- 193 — os arcos das aguas livres (monotipo).
- 194 — menina
- 195 — composição

eça leal (olavo de)

- 196 — retrato de antónio cunhal.
- 197 — lápis de côr.

eloy (mário)

- 198 — retrato de manuel mendes.
- 199 — » » josé pacheco.
- 200 — desenho.
- 201 — »

ferreira (joão de menezes)

avenida joaquim antónio de aguiar — lisboa

- 202 — no tempo da guerra — friso.
- 203 — os mobilizados.
- 204 — tropa negra.

figueiredo (jaime de)

- 205 —
- 206 —
- 207 —
- 208 —

} desenho.

- 209 — peixeira preta.
- 210 — mulheres.
- 211 — carregadeiras do porto de s. vicente.
- 212 — retrato do pintor mariosinho.

## franco (francisco)

- 213 — desenho.
- 214 — »
- 215 — cardadeira.
- 216 — cópia do antigo — museo nazionale de roma.
- 217 — rio nive — bayonne — aguarela.
- 218 — gravura em madeira.

## gomes (dordio)

- 219 — página de album — desenho.
- 220 — cavalos
- 221 — nota de viagem — itália
- 222 — cópia de fresco — »
- 223 — nota de viagem — »
- 224 — » » » — » — (col. r. perez)
- 225 — ilustração para as «memórias de arraiolos» — gravura em madeira.
- 226 — três vinhetas » » » — » » » .

## julio (reis pereira)

- 227 — ânsia.
- 228 — os amorosos.
- 229 — página de dostoiéwsky.

## marques (bernardo)

calçada marquês de abrantés, 108 — lisboa

- 230 — tipos do romanisches kaffé
- 231 — cinco horas em kurfürstendan
- 232 — noites berlinenses
- 233 — o zoo ao domingo
- 234 — taneutzientrass
- 235 — restaurante
- 236 — tiergarten
- 237 — café de berlin
- 238 — aspecto de rua
- 239 — saltimbancos
- 240 — »
- 241 — »
- 242 — lisboa
- 243 — »
- 244 — »
- 245 — »

## ofélia (marques)

calçada marquês de abrantès, 108 — lisboa

- |                                |   |             |
|--------------------------------|---|-------------|
| 246 — retrato da menina o. p.  | } | — aguarela. |
| 247 — bordado.                 |   |             |
| 248 — criança.                 |   |             |
| 249 — meninas.                 |   |             |
| 250 — o vestido preto e branco |   |             |
| 251 — composição               |   |             |
| 252 — desenho.                 |   |             |
| 253 — »                        |   |             |
| 254 — »                        |   |             |

## possoz (milly)

17, rue du parc — fontenay s / bois — França

- |                         |                               |            |
|-------------------------|-------------------------------|------------|
| 255 — as maçãs          | — gravura a côres.            |            |
| 256 — a gaiola e o gato | — » » » .                     |            |
| 257 — » » » » »         | — » primeiro estado, a negro. |            |
| 258 — criança cosendo   | }                             | — gravura. |
| 259 — rapariga com gato |                               |            |
| 260 — duas amigas       |                               |            |

## tagarro (josé)

- |   |                            |          |
|---|----------------------------|----------|
| 261 — retrato da ex. <sup>ma</sup> sr. <sup>a</sup> dona a. s. m. de m. |                            |          |
| 262 — » » » » »   | virgilia do couto brandão. |          |
| 263 — » da pintora sarah affonso.                                       |                            |          |
| 264 — » do poeta américo durão.   |                            |          |
| 265 — » » dr. manuel rocheta.   |                            |          |
| 266 — » » architecto francisco keil coelho do amaral.                   |                            |          |
| 267 —   | }                          | desenho. |
| 268 —   |                            |          |
| 269 —   |                            |          |

## teixeira (luis)

rua do embaixador, 1 — lisboa

- |                                     |   |             |
|-------------------------------------|---|-------------|
| 270 — peixe da nazaré               | } | — aguarela. |
| 271 — saloios                       |   |             |
| 272 — domingo                       |   |             |
| 273 — alfama                        |   |             |
| 274 — telhados de alfama — têmpera. |   |             |

## vicente (arlindo)

campo de santana, 124, 1.º — lisboa

- 275 — auto-retrato.
  - 276 — retrato de minha mulher.
  - 277 — » do poeta carlos queirós.
  - 278 — » » » gil vaz.
  - 279 — » » » antónio de navarro.
  - 280 — » » » antónio pedro.
  - 281 — » de diogo de macedo.
  - 282 — » » narciso machado guimarães.
  - 283 — » do ex.<sup>mo</sup> sr. dr. fernando ayres.
  - 284 — menina.
  - 285 —
  - 286 —
  - 287 —
  - 288 —
  - 289 —
  - 290 —
- } desenho.

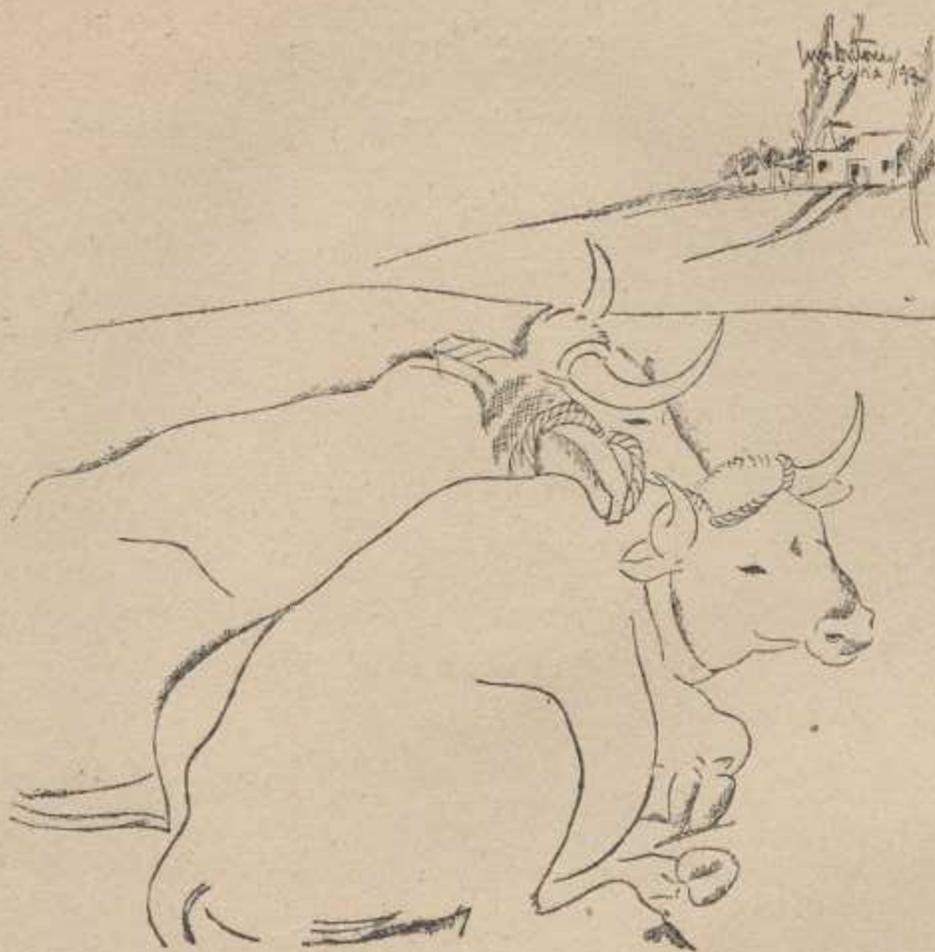
■

A arte é uma *transposição* da vida: dos sentimentos, das sensações, da inteligência que o homem tem dela quando é artista. É uma *transposição*, porque entre os sentimentos, as sensações, as ideias *vividas* e a sua expressão formal há uma verdadeira transição — uma fatal, invencível, involuntária transição, no fim de contas indispensável a dar-lhes o caracter de estéticas: a estilisá-las.

A arte contemporânea é, ainda que esta afirmação revista o aspecto dum paradoxo, mais humana do que nunca, porque em época nenhuma o homem se entregou, pela arte, tão confiada e inteiramente na sua nudez virginal interior.

Um artista é grande quando é êle próprio, e tanto maior quanto mais original, mais pura, mais virgem fôr a sua personalidade. O que exhibir mais poderosa, natural e sinceramente estas qualidades, será o mais modernista dos artistas.

■  
■  
■  
L  
I  
N  
O



A  
N  
T  
O  
N  
I  
O

**artes  
decorativas**

affonso (sarah)

291 — bordado.

altberg (emanuel)

292 — movel studio.

bettencourt e branquinho  
coimbra

20 293 — fotografias.

## botelho (carlos)

- 294 — cartaz.  
295 — »

## carlos (joão)

- 296 — escultura em madeira.

## kradolter (fred)

- 297 — cartazes.

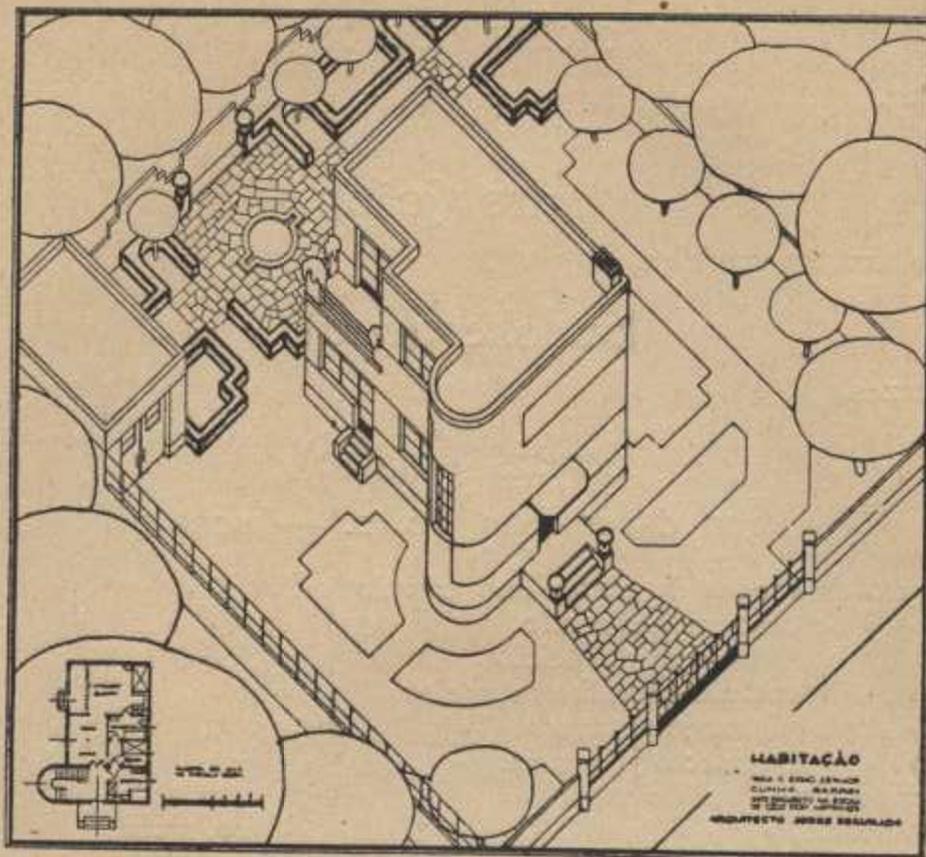
## novais (mário)

rua da emenda, 30, 2.º — lisboa

- |  |   |               |
|--|---|---------------|
| 298 — retrato da esposa do pintor lino antónio | } | — fotografia. |
| 299 — » de mademoiselle a. b.                  |   |               |
| 300 — » » » leitão                             |   |               |
| 301 — » » antónio carvalho monteiro            |   |               |
| 302 — » do pintor josé tagarro                 |   |               |
| 303 — » » architecto j. segurado               |   |               |
| 304 — interior, ácido sulfúrico                |   |               |
| 305 — laboratório, » »                         |   |               |
| 306 — fabricação de vidro                      |   |               |
| 307 — ao forno                                 |   |               |
| 308 — rails                                    |   |               |
| 309 — estudo                                   |   |               |
| 310 — »  |   |               |
| 311 — »  |   |               |
| 312 — »  |   |               |

■

**P**ERANTE a natureza procuro emoção. Não lhe tiro o retrato. Estou longe de fazer obra definitiva. No meu trabalho há inquietação e pontos de partida. Quando acabo um quadro tenho sempre a impressão que o mais interessante ficou por dizer... No entanto, faço por ser coerente e sincera.



**T**ODA a arte é uma forma de literatura, porque tãda a arte é dizer qualquer cousa. Ha duas fórmãs de dizer — fallar e estar calado. As artes que não são a literatura são as projecções de um silêncio expressivo. Há que procurar em tãda a arte que não é a literatura a phrase silenciosa que ella contém, ou o poema, ou o romance, ou o drama. Quando se diz «poema sinphónico» falla-se exactamente, e não de um modo translato e fácil.

O caso parece menos simples para as artes visuais, mas, se nos prepararmos com a consideração de que linhas, planos, volumes, côres juxtaposições e contraposições, são phenómenos verbais dados sem palavras, ou antes por hieroglyphos espirituais, comprehenderemos como comprehender as artes visuais, e, ainda que as não chegemos a comprehender ainda, teremos, ao menos, já em nosso poder o livro que contém a cifra e a alma que pôde conter a decifração.

Tanto basta até chegar o resto.

**A** obra de arte, é uma maneira exterior de dar o interior, *mostrar*, é uma necessidade tão imperiosa como a de *ver*. Ora a arte é o gostoso estendal das dôres do artista: — as suas descobertas. A arte é um refugio como todos os vícios. É a sêde que a si-própria se sacia mostrando *exactamente* como tem sêde.

O grande artista é uma abstracção de cultura, e até da técnica da sua própria arte. Desvendar a oculta linha geratriz é isso verdadeiramente descobrir. O mais profundo artista é o que mais se aproxima do centro das coisas; — sem que, jámais, artista algum lhe tivesse tocado. A cada avanço na direcção do centro a expressão é já outra: portanto, das coisas, é ainda impossivel exprimir o essencial, mas é possivel a expressão dos caminhos que se dirigem a êle. A obra de arte, que representa o quér que seja, não a representa de facto, mas representa os caminhos que o artista trilhou para lá chegar.

Só a intelligência com arte é arte intelligente; porque ainda assim a obra de arte verdadeira é a que serve com prazer os sentidos do corpo não esquecendo os do espirito.

Ser artista é exprimir o que se sente; e, tanto maior será o artista quanto mais fundo sentir, e melhor o exprimir (se é que sentir fundo e exprimir bem podem ser alguma vez coisas diferentes). E melhor o exprime o que mais *exactamente* o exprime.

M            A            R            I            O            S            A            A



**F**ALAR da expressão artística de determinada época, equivale a chamar-lhe inexpressiva: uma face com uma só expressão é uma face sem expressão nenhuma.

**N**O vocabulário estético, verdade e veracidade não são sinónimos. É verídico numa téla tudo que é reconhecivel; verdadeiro, apenas o que nos é revelado. Póde haver veracidade no que se descreve, mas só há verdade no que se constrói.

**E**STILO é numa obra de arte aquilo que ela tem de mais próprio. Estilização é o arranjo novo de caracteres comuns. Logo: estilização é o contrário de estilo.

M            A            R            I            O            V            A            Z

**N**ÃO sei onde está a fronteira entre a forma e o espírito, entre o cenário e o drama, entre o corpo e a alma. O espírito cria o cenário e o cenário projecta o espírito. Não há casa sem fachada, não há livro sem capa, não há idéa sem frase. «Personagens bizarras», «progressos mecânicos», «prestígios scenográficos», não são elementos para desprezar na construção duma obra literária ou duma obra de arte. Essa matéria faz parte do espírito duma época e é espírito, portanto. As catedrais góticas documentam, admiravelmente, o casamento do Espírito e da Forma. Dificilmente se poderá alcançar maior «prestígio scenográfico» sem que êsse «prestígio scenográfico» seja incompatível com o que há de eterno e de profundo na vida espiritual dos homens. O arranha-céus está dentro do nosso tempo como as catedrais dentro da Idade-Média. Se os canteiros, os imaginários, os iluministas da Idade-Média não se tivessem preocupado com os «prestígios scenográficos» do seu tempo, não teríamos hoje a visão maravilhosa dessa época de fé e de misticismo, como se não nos preocupassemos com os prestígios scenográficos de hoje os nossos vindouros não conheceriam a grandeza e a civilização desta hora mecânica em que a sensibilidade e a vida se alargam, a cada nova invenção, como o mundo na hora suprema das descobertas.

\* \* \*

A literatura é a crónica duma época, da alma e do corpo duma época. Um espírito normal e saudavel não pôde fugir ao *clima* do seu tempo como não se pôde fugir à luz do sol que nos queima a pele. Só o escritor duma época pôde vir a ser o escritor de todas as épocas. «Só há uma forma de imitar a arte dos nossos antepassados : sermos do nosso tempo como êles foram do seu...» — disse um escritor francês e disse tudo. Porque nos havemos de extasiar perante a «frouta» pastoril, perante o alaude e havemos de tapar os ouvidos, horrorizados, às primeiras notas do saxofone do jazz? Porque ha-de ser eterna a «diligência» e não o automóvel? Entre o «Woolworth-building» de Nova-York e a Catedral da Chartres a distância não é tão grande como se pensa. «Prestígios scenográficos»? Houve-os sempre. Mas há prestígios eternos. O profundo, muitas vezes, está mais à superfície do que se julga...

D

O

R

D

I

O



G

O

M

E

S

O caracter dos edificios, consiste única e simplesmente, no racionalismo das suas fachadas, isto é: na correspondência franca e exacta das suas plantas, portanto das suas necessidades, e não, na repetição sistemática de modelos feitos e burgueses, sempre mentirosos, e pregados com gôma.

Quando para caracterisar um edificio se recorre aos emblemas decorativos, não se faz indubitavelmente Arquitectura. *Faz-se com certesa Arquitectura, de dentro para fôra, e não de fôra para dentro.*

J O R G E S E G U R A D O

25

**V**AI passando o tempo dos assuntos particulares. Hoje o homem de alto espírito possui uma ância devoradora de Infinito e quando profundamente artista, já não se pode interessar com o que é restricto, individual.

É certo que os cubistas e mesmo muitos futuristas procuram representar assuntos duma estreiteza abominavel. Mas de que fôrma os tratam? Integrando-os absolutamente no sistema do Universo, estabelecendo as suas relações intimas com a Imensidade!

E mesmo êsse ponto de partida acanhado deve ser banido de todo, é o Infinito de Deus que directamente deve ser representado nas obras de arte. Que isto não é possivel na pintura e na escultura, dirão. Porquê? porque uma tela ou um mármore são restrictos demais para conter o Universo? Pois bem, faça-se o que tantas vezes tenho preconizado e assim se salvará a arte infinitista: que os pintores lancem nos ares as suas altas creações e que a Grande Téla da Vida Cós mica seja a sua única téla!

É necessário completar-se a profunda revolução que os futuristas debilmente encetaram...

R A U L L E A L



**A** architectura, na sua evolução, procede por largas ondulações que, em regra, coincidem com os movimentos culminantes e mais decisivos da história. Limitemo-nos a registá-lo.

Pela sua natureza especial, esta arte enfeixa e integra, em grandes conjunctos, os mais variados factores da nossa actividade.

Não julgo indispensavel acentuar o character extremamente complexo dêstes conjunctos no momento singular que atravessamos, e que constitue um um dos mais ricos periodos de transição que se conhecem.

Dêste cáos começam a separar-se directrizes nítidas, perspectivas imprevistas.

O domínio das possibilidades architectónicas enriqueceu-se além de tudo que podia imaginar-se.

M

E

A

L

R

I

O

O

Y



**E**IS o que distingue a pintura do nosso tempo: Re-descobrimo as verdades imortais da sua Arte, regressando, pelo próprio excesso da civilização atingida, ás atitudes primitivas, os Artistas modernos também não desprezam a verdadeira civilização: a lição dos séculos e dos mestres, fatalmente presente no seu sangue. E duma e doutra conquista, lhes vem que eles tendem a tirar as ultimas conseqüências. Daí o repelirem mestres e academias, sabendo que *ninguem aprende verdadeiramente senão o que aprende por si.*

J

O

S

É

R

É

G

I

O

27

**P**ROCURO a síntese da fôrma. Em cada pincelada busco uma intenção cerebral. Por isso, quando pinto, gostava de ter na cabeça pinceis em vez de cabelos.

Era assim mais directa a execução da pintura como eu a quero, pois da cabeça às mãos quantas traições me desvirtuam uma execução obediente.

M A R I O E L O Y

**N**O seu aspecto superficial todo o panorama artístico é — *arte decorativa* mas, quando ela expressa, criando á forma a sua forma intrinseca, o seu além, então surge cada uma das artes com sua directriz e sua finalidade.

A arte clássica gera forma, não como expressão do objecto, mas do seu platicismo ; a arte contemporânea de-forma a plástica dos objectos, se fôr mistér, para criar-lhe a expressão formal da sua plástica subjectiva.

Em qualquer dos casos, formando ou deformando, se consegue uma forma, simplesmente em directriz e sentido opostos.

Um, — o que pretende contornar o exterior de cada objecto e põe tôda a fôrça expressiva numa linha, e partindo da forma para a forma, é paganismo puro, mas sem a auréola mítica da lenda ; o outro — o que parte da forma para a sua essência, da linha para a sua expressão ambiente, do exterior das coisas para a sua periferia, e é a verdadeira arte cristã, mas que não há nos templos cristãos. Faltam só as catedrais — já existem os seus decoradores. E á arte moderna. falta criar-lhe a sua religião, que é o seu expressionismo astral, expressionismo dum impressionismo.

Assim ficará completa a nossa época ao surgir o seu profeta, o profeta da religião que nós, os artistas de hoje, já trazemos no sangue e no subconsciente.

Plásticos são todos os artistas — do filósofo e do poeta, passando pelo músico até ao escultor ; por isso, como todas as religiões são uma, é preciso criar a uma delas, o seu novo dogma formal, nos seus templos e nos seus ritos.



A QUESTÃO DOS NOVOS, com comícios, polémicas, documentários, etc.

ARTIGOS, CRÍTICAS, ENTREVISTAS E PREFÁCIOS de livros e de catálogos, por inúmeros artistas e escritores, desde 1910 até aos nossos dias.

### LIVROS:

de mário de sá carneiro:

princípio — confissão de lúcio — dispersão — ceu em fogo;

de fernando pessoa:

em inglês: antinous — english poems I II e III.

de raúl leal:

sodôma divinizada — até-christ — liberdade transcendente;

de almada negreiros:

a engomadeira — a invenção do dia claro — k 4 o quadrado azul — litoral —  
históire du portugal par cœur — pierrot e arlequim;

de antónio ferro:

teoria da indiferença — leviana — arte de bem morrer — a idade do jazz-  
band — a amadora dos fenómenos — batalha de flores — mar-alto.

de antónio botto:

canções — motivos de belesa — curiosidades estéticas — olimpíadas — pi-  
quenas esculturas — dandysmo;

de mário saa:

evangelho de s. vito — explicação do homem;

de josé regio:

poemas de deus e do diabo — biografia;

de antónio pedro:

distância — devagar — diário;

de ferreira gomes:

procissional — rajada doentia;

de joão gaspar simões:

themas;

de raúl lino:

a nossa casa;

de gil vaz:

altar;

de augusto santa-ritta:

o mundo dos meus bonitos;

de luís de montalvor:

a caminho;

- de joão osório de castro:  
a orda — o clamôr;
- de alfredo pedro guisado de menezes:  
distância — mais alto — ânfora — lenda do rei boneco;
- de fernanda de castro:  
cidade em flor — jardim — veneno do sôl;
- de carlos parreira:  
in-memóriam de santa-rita pintor;
- de nuno simões:  
gente risonha;
- de casais monteiro:  
confusão;
- de branquinho da fonseca:  
posição de guerra;
- de amadeu de sousa-cardoso:  
album de desenhos, paris 1922;
- de joaquim de oliveira:  
marcação para a farça de inez pereira;

ILUSTRAÇÕES de numerosos livros por:—milly possoz, sarah affonso, alice rey colaço, dordio gomes, raúl lino, almada, antônio soares, cottinelli telmo, barradas, júlio tagarro, francisco franco, mário eloy, stuart, olavo, diogo de macedo, manôel jardim, josé pacheco, etc.



**G**OSTO da pintura que vai além das coisas, ou daquela em que as coisas são mais do que elas mesmas.

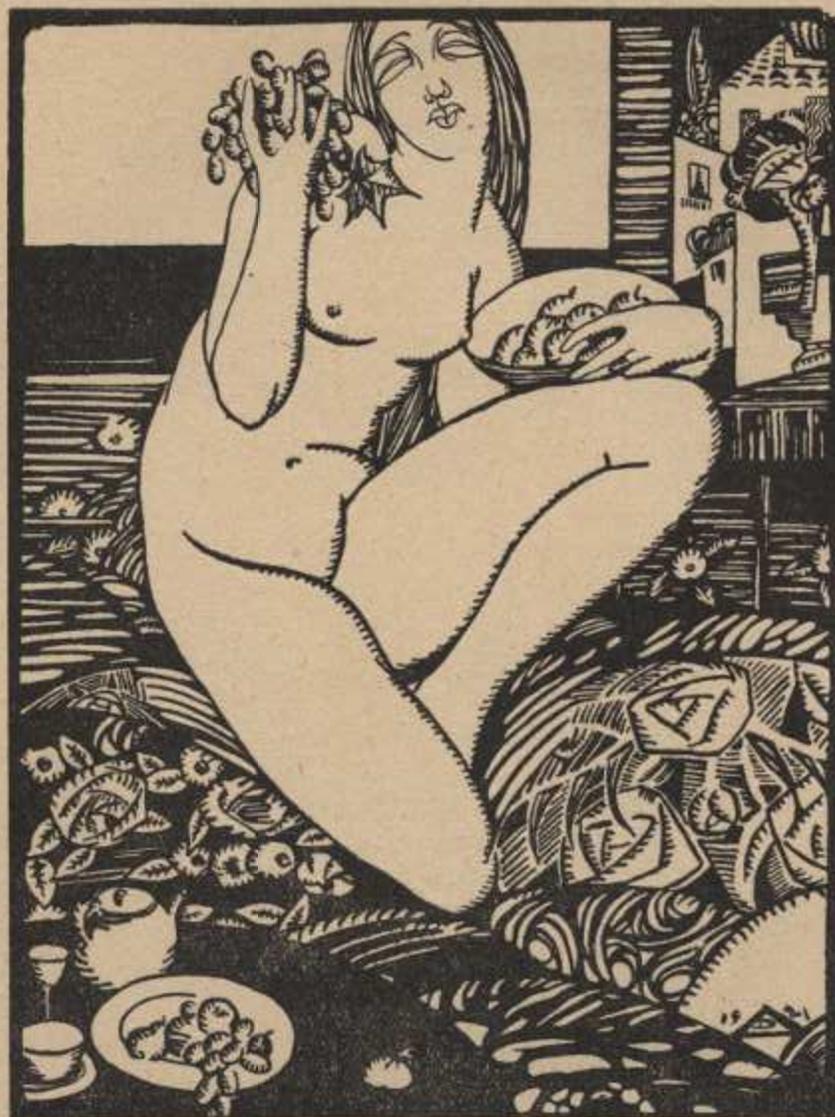
A pintura das formas deixa-me frio e, então, a admiravel pintura das formas deixa-me espantado num bocejo.

Mas a forma necessita *formas* e o que é extructualmente formal não pôde ultrapassar a rasão da sua essência.

O encanto de cada coisa é que eu queria sentir num quadro vasio, num quadro em que ela, por si só, tomasse a qualidade duma pessoa que merecêsse sêr retratada.

Ou então o (inatingivel) a pintura do Inatingivel.

D  
I  
O  
G  
O  
D



E  
M  
A  
C  
E  
D  
O

EXPOSIÇÕES DE ARTE:

EXP. DE CONJUNTO:

humoristas e modernistas — lisboa 1911 e 1912;  
na bobone, artistas residentes em paris — lisboa 1912;  
salão dos modernistas — porto 1915, 1916 e 1919;  
salão dos fantasistas — porto 1916;  
galeria das artes — lisboa 1916;  
salão dos 5 independentes — lisboa 1923;  
salão de outono — lisboa 1925 e 1926;

em portugal, espanha, frança, alemanha e brasil, desde 1913 até hoje, além dos salons, galerias e museus onde os artistas modernos portugueses teem concorrido, há a citar as

### EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS SEGUINTEs:

exposição de armando de basto

- » » amadeu cardoso
- » » joão peralta
- » » eduardo viana
- » » diogo de macedo
- » » francis smith
- » » almada negreiros
- » » carlos pofirio
- » » lino antónio
- » » antónio soares
- » » jorge barradas
- » » guilherme felipe
- » » correia dias
- » » ernesto do canto
- » » luís cristino da silva
- » » alberto cardoso
- » » mário eloy
- » » josé tagarro
- » » abel manta
- » » teles machado
- » » antónio d'azevedo
- » » milly possoz
- » » alice rey colaço
- » » sarah affonso

» ao ar-livre, na avenida da liberdade, de uma estátua de francisco franco, assim como a das caldas da rainha, por paulino montez.

### EDIFICAÇÕES MODERNAS

construidas pelos architectos Raúl lino, carlos ramos, cottinelli telmo, jorge segurado, adelino nunes, antónio varela, tertuliano marques, paulino montez, casiano branco, christino da silva, pardal monteiro, etc.

### DECORAÇÕES

na exposição de sevilha, por lino antónio, abel manta, jorge barradas, antónio da costa e ruy gameiro; no café da brasileira, por almada, viana, soares, barradas, stuart, pacheco e marques; no bristol-club, por viana, almada, soares, guilherme felipe, lino antónio, ruy vaz, ernesto do canto e carlos ramos.

## MONUMENTOS

aos aviadores, aos mortos e a gonçalo zarco, na madeira, por francisco franco, sendo o último de colaboração com christino da silva;  
a anthero do quental, em lisboa, por diogo de macedo e lorge segurado;  
ao trabalho, em cuba, e à batalha de ourique, por antónio da costa.

## CONCURSOS

de monumentos ganhos por barata feio, ruy gameiro, veloso reis, jacobetty e able pascoal, aos mortos da guerra, para luanda; por antónio varela e luiz fernandes, aos mortos da guerra, para coimbra e leiria; concurso internacional de ópera, em madrid, ganho por ruy coelho, com a *belkiss*.

Há ainda a lembrar

OS BAILADOS MODERNOS, de s. carlos, em 1918;  
, , , , francis.

O THEATRO NOVO, no Tivoli, em 1925.

AS OPERAS, RECITAIS, LICÕES E CONCERTOS, do maestro ruy coelho.

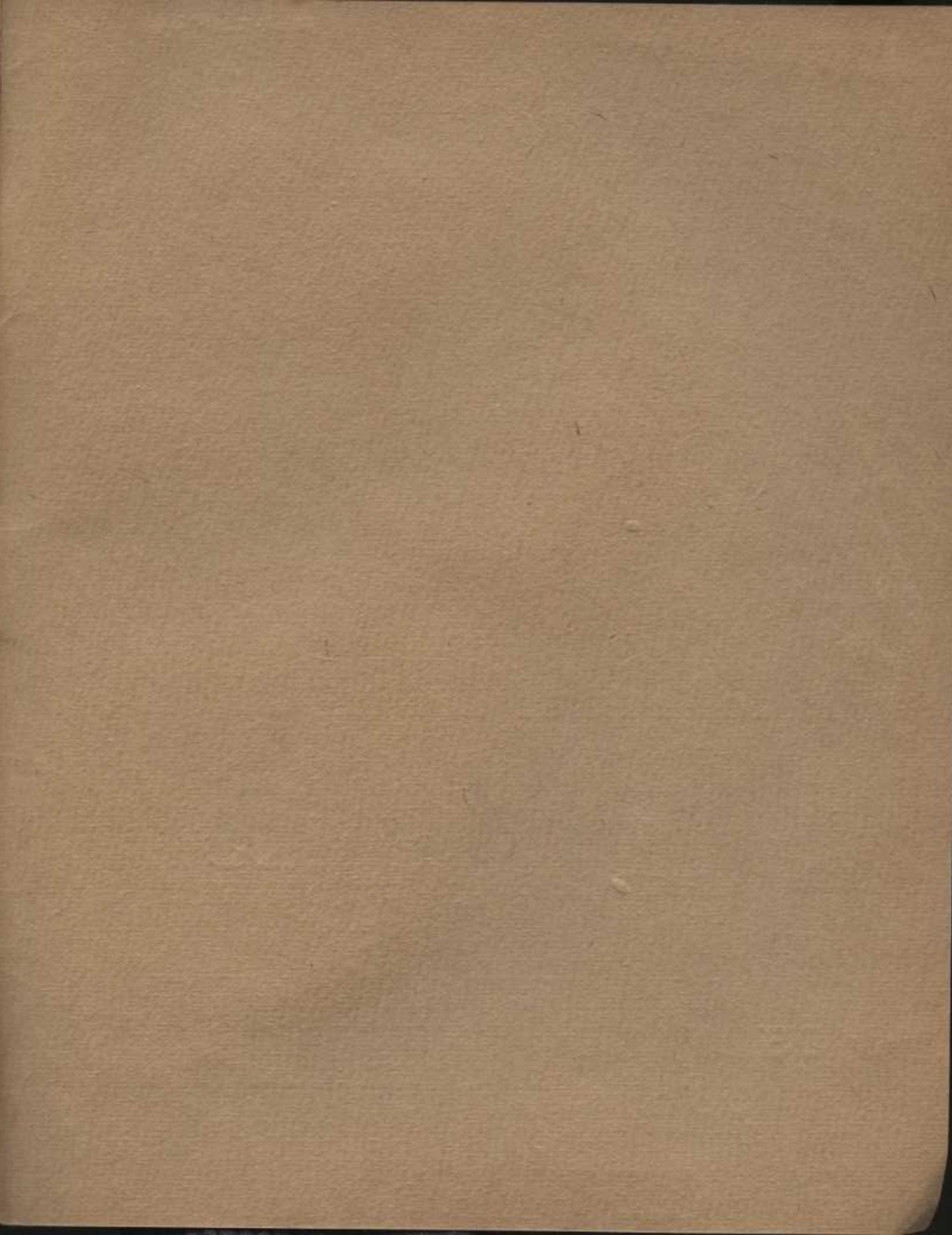
AS COMPOSIÇÕES MUSICAIS, do violinista cláudio carneiro.

OS CONCURSOS DE CARTASES em que teem triunfado todos os artistas modernos.

AS HOMENAGENS prestadas a estrangeiros, que os novos intencionalmente teem marcado como protesto contra a rotina oficial.



A arte valoriza-se consoante o seu poder de contaminação, na medida em que ganha importância social. O exclusivismo, a *torre de marfim*, calçam pelos modelos de há um século, e a guerra ensinou-nos a amar a multidão, na luta pró ou contra os seus apetites, até à vitória de conquistá-la.



**“His Master’s  
Voice”**

OS MELHORES GRAMOFONES  
OS MELHORES DISCOS

# PREÇOS

N.º 49	800\$00	N.º 142	10.000\$00
" 54	5.000\$	" 144	1.500\$
" 55	5.000\$	" 148	1.500\$
" 61	5.000\$	" 155	500\$
" 62	5.000\$	" 156 a 164 (cada)	1.500\$
" 63	5.000\$	" 167 a 174 (cada)	250\$
" 64	2.500\$	" 177	1.000\$
" 69	4.000\$	" 178	400\$
" 70	4.000\$	" 179	400\$
" 71	4.000\$	" 189	500\$
" 75	1.000\$	" 190	400\$
" 76	800\$	" 191	300\$
" 77	1.000\$	" 192	200\$
" 78	1.000\$	" 197	200\$
" 79	1.000\$	" 201	200\$
" 80	500\$	" 202	600\$
" 82	5.000\$	" 203	600\$
" 83	800\$	" 204	600\$
" 84	2.500\$	" 205 a 211 (cada)	150\$
" 85	800\$	" 219	200\$
" 86	800\$	" 220	500\$
" 87	700\$	" 221	400\$
" 89	3.500\$	" 222	400\$
" 90	2.000\$	" 223	400\$
" 91	850\$	" 225	100\$
" 92	1.500\$	" 226	150\$
" 93	3.500\$	" 227	100\$
" 94	500\$	" 228	150\$
" 95	500\$	" 229	150\$
" 97	800\$	" 230 a 234 (cada)	400\$
" 99	1.000\$	" 235	250\$
" 106	6.000\$	" 236	250\$
" 107	2.000\$	" 237	400\$
" 108	1.000\$	" 238	400\$
" 109	800\$	" 239	300\$
" 111	4.000\$	" 240	250\$
" 112	400\$	" 241	250\$
" 113	500\$	" 246	350\$
" 114	4.000\$	" 247 a 250 (cada)	250\$
" 115	300\$	" 251	350\$
" 118	2.000\$	" 252 a 254 (cada)	200\$
" 119	1.500\$	" 255	450\$
" 120	600\$	" 256	450\$
" 121	600\$	" 257	300\$
" 123	5.000\$	" 258	400\$
" 124	1.500\$	" 259	300\$
" 126	6.000\$	" 267	1.000\$
" 127	3.000\$	" 268	500\$
" 128	3.000\$	" 269	500\$
" 129	600\$	" 270 a 272 (cada)	600\$
" 130	600\$	" 273	300\$
" 131	1.200\$	" 274	1.000\$
" 132	1.200\$	" 285 a 287 (cada)	250\$
" 133	1.200\$	" 288 a 290 (cada)	250\$